



A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EJA:

CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS DE VYGOTSKY

GT 15: RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO

Trabalho completo

Vilmária Gonçalves da SILVA 1 (Programa de Pós-graduação em Educação/UFMT)

vilmariaufmt@gmail.com

Léia Raquel Francisco FERREIRA 2 (Docente da rede estadual/Cuiabá/Mato Grosso)

f.leiaraquel@yahoo.com.br

Maria Auxiliadora de Almeida ARRUDA 3 (Docente Universidade de Cuiabá/Cuiabá/Mato Grosso)

maria.auxiliadora@ifmt.edu.br

Marta Maria Pontin DARSIE 4 (Docente Universidade de Cuiabá/Cuiabá/Mato Grosso)

marponda@uol.com.br

Resumo

O presente estudo apresenta discussões importantes envolvendo a educação de Jovens e Adultos (EJA) e as relações étnico-raciais a partir das contribuições de Vygotsky. Tal relação pode promover reflexões sobre o percurso sócio-histórico da EJA, que foi marcado por enfrentamentos, lutas, embates políticos e pedagógicos, assim como as relações étnico-raciais. Esta é uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, realizada com o objetivo de compreender como a EJA pode ser um espaço pedagógico de educação das relações étnico-raciais, a partir das contribuições teóricas de Vygotsky.

Palavras-chave: Educação de Jovens e adultos. Lei 10.639/2003. Interacionismo.

1 Introdução

O presente estudo apresenta discussões importantes envolvendo a educação de Jovens e Adultos (EJA) e as relações étnico-raciais a partir das contribuições de Lev Semenovich Vygotsky. A princípio serão apresentadas considerações fundamentais sobre a Educação de Jovens e Adultos, da teoria de sócio interacionista de Vygotsky e a contribuição dessa teoria para a Educação das Relações Étnico-raciais no contexto da EJA.

Neste trabalho a EJA é compreendida conforme o texto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB, Lei n. 9394/1996, que diz em seu artigo 37: “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida” (BRASIL, 1996).

O público da EJA, por algum motivo está cursando o ensino médio, na maioria das vezes almejam concluir esta etapa da educação básica para poder disputar os espaços no mundo do trabalho. E a escola tem a função de contribuir no importante papel de valorizar as lutas por

igualdade social e respeito a diversidade étnico-racial. “É neste campo que encontramos as práticas significativas voltadas para a diversidade étnico-racial e a Lei nº 10.639/03” (FONSECA, SILVA, FERNANDES, 2011, p. 47).

Aliado a isso, apresenta-se como necessário aprender a dialogar sobre as desigualdades raciais e suas implicações sociais. No sentido de adotar práticas educacionais antirracistas, almejando desconstruir atitudes desumanas em prol do respeito mútuo, independente da classe social, da cor, do grau de instrução, de religião, e quaisquer outros marcadores sociais de diferença.

Assim, trata-se de uma pesquisa cujo objetivo é compreender como a EJA pode ser um espaço pedagógico de educação das relações étnico-raciais, a partir das contribuições teóricas de Vygotsky.

2 Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa. Conforme Ludke e André (2015, p.14), a pesquisa qualitativa "envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto". Ainda conforme as autoras, a abordagem qualitativa tem um potencial para estudar as questões voltadas ao contexto educacional.

Nesse sentido, esta pesquisa é de cunho bibliográfico, com uma investigação teórica sobre a educação de jovens e adultos e a questão étnico-racial, a partir das contribuições de Vygotsky.

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisa desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas (GIL, 2008, p. 50).

Durante a leitura sistemática sobre o assunto pesquisado, especialmente do livro: A formação social da mente de L. S. Vygotsky, como análise foi sendo construída uma sistematização de ideias correlacionadas nos textos, que pudessem evidenciar as contribuições da teoria de Vygotsky voltadas à educação das relações étnico-raciais na EJA.

3 Considerações sobre a educação de jovens e adultos

A educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino que por muito tempo foi entendida como uma modalidade para se atender jovens e adultos que não tiveram oportunidade de concluir seus estudos na idade correta. Na história desta modalidade, foram muitos os momentos de mudança, de nomenclatura e de entendimento sobre qual a finalidade, material específico, que público seria atendido, qual forma de ensinar e hoje é abordada como emancipatória e inclusiva, na qual o estudante tem a oportunidade não de apenas concluir seus estudos e desenvolver a técnica de leitura e escrita, mas sim a leitura e interpretação do mundo (BAQUERO, 2008).

A história da EJA perpassou por vários fatos históricos como guerras, golpes, demorando assim para a efetiva implementação de uma educação que contemplasse toda a população carregando assim uma história de exclusão e negação do direito a educação. (LEITE, 2013).

A educação de Jovens e Adultos tem a sua história dada por início juntamente com a de educação básica, na qual desde a colonização do Brasil, os Jesuítas com interesses de catequização e de imprimir suas culturas assume o papel de ensinar a escrita, a leitura e costumes para os povos considerados nativos. Com o passar do tempo, alguns educandos da classe menos favorecida, de periferia e na maioria negros, não conseguiam dar continuidade aos seus estudos, surgindo assim vários formatos de ensino ofertados pelo Estado para tentar extinguir o analfabetismo em nosso País.

A este formato de ensino para jovens e adultos por muito tempo tinha e até hoje é visto por muitos com cunho compensatório, no qual o interesse do Estado é de erradicar o analfabetismo e compensar o aprendizado perdido, deixando de levar em consideração que todos os dias aprendemos algo novo e que de acordo com o desenvolvimento na sociedade o ensino também precisa desenvolver e o educando aprende e ensina ao mesmo tempo e o tempo todo.

Ao voltar o olhar para a educação popular no Brasil, que se deu através de lutas reivindicatórias de uma dada elite intelectual, conhecidos como pioneiros da educação, século XX e que esta luta perpassa até os dias de hoje, onde o acesso à escola em nosso país não é mais o problema e sim a continuidade na escola que ainda é um fator que acomete principalmente as periferias das cidades de nosso País, gerando um alto um índice de evasão escolar, principalmente entre os grupos sociais historicamente excluídos.

Com o passar do tempo, alguns desses educandos evadidos da escola, retornam ao ambiente escolar com o desejo de inclusão na sociedade, por não ter a formação necessária para viver, conviver e atuar em sociedade. Esse desejo de inclusão na sociedade, não é apenas o de

decodificar símbolos, dominando a leitura e a escrita de palavras, mas sim de leitura, escrita e interpretação desta leitura e escrita na sociedade a qual este educando está inserido, na qual pode ser pensado na perspectiva da educação crítica, libertadora, como ensina Freire (1999).

Uma forma de inclusão de jovens e adultos que tiveram que abandonar seus estudos é a adequação da abordagem de ensino nesta modalidade, com o intuito de oferecer este ensino e aprendizagem com qualidade e que este ensino e aprendizagem faça significado ao educando. Por muito tempo, a escola era vista como único espaço de aprendizagem e o professor o único detentor do conhecimento e o estudante era tido como um papel em branco na qual através de instruções recebidas de seus professores era adquirido o conhecimento.

Nesse sentido a relação ensino e aprendizagem era vista como bancária, (1999), na qual era depositado o máximo de informações descontextualizadas possíveis e o aluno que conseguisse reproduzir estas informações era tido como o educando proficiente naquele ensinamento dado por seus mestres. Hoje em dia, com os pensamentos da educação crítica libertadora (FREIRE, 1999), bem como, da sócio interacionista, partimos do pressuposto que todos, desde criança, ainda sem ter tido contato escolar, desenvolve saberes com seus núcleos de relações, seja ele na família, no Bairro, igreja e quaisquer espaços que convive. E estes saberes devem ser levados em consideração nos processos educativos escolares.

4 A teoria de sócio interacionista de Vygotsky

Lev Semenovich Vygotsky que nasceu em Orsham (1896), Bielorrússia e sofreu influências em suas teorias de Jean Piaget, Alfred Adler, Kurt Koffka, Karl Marx e outros. Formou-se em direito e Literatura e Medicina. Foi um psicólogo Russo que deixou grande legado para a educação, sendo pioneiro no estudo sobre o desenvolvimento intelectual das crianças, observando o desenvolvimento a partir das interações com o meio social.

Vygotsky tinha um grande fascínio por compreender sobre o desenvolvimento psicológico humano. Mesmo morrendo aos 37 anos elaborou cerca de 200 estudos científicos. Depois de sua morte, seus estudos foram silenciados em grande parte do Ocidente e só puderam ser repercutidas e conhecidas a partir de 1962. Ele traz em seu pensamento que a educação é para a mudança e se não houvesse nada para mudar não precisaria haver educação.

Nesse sentido, o ensino e aprendizagem deve produzir mudanças. Vygotsky, diz que a criança nasce em um ambiente falante e a linguagem é externa ao indivíduo e que este processo ocorre de fora para dentro, na qual Vygotsky denomina de fala socializada. Logo, a partir desta concepção, a fala torna-se algo que precisa do grupo social para ser desenvolvida e que o biológico se transforma através das relações humanas em sócio-histórico.

No livro, A formação social da mente, Vygotsky (2000), faz uma análise da relação entre aprendizado e desenvolvimento. Diz que o ser humano desenvolve porque aprende, pois “aprendizagem e desenvolvimento estão inter-relacionados desde o primeiro dia de vida” (Vygotsky, 2000, p. 110), sendo um ponto de partida para essa discussão o fato de que o aprendizado começa muito antes de se frequentar a escola.

Segundo Marta Kohl (2013), a construção do saber para o ser humano possui dois tipos de conceitos na visão de Vygotsky: o conceito espontâneo e o conceito científico. O conceito espontâneo é adquirido através da vida diária, de suas interações sociais e nesta concepção o educando da EJA adentra a escola com conhecimentos adquiridos através experiências e interações sociais, de meios de convivência como trabalho, família, comunidade e que muitos conceitos trabalhados na escola de forma formal eles conseguem obter respostas e desenvolver explicações por seu conhecimento popular. Já o conceito científico é aquele produzido formalmente e com a ajuda de um mediador.

Neste sentido, mesmo o educando que tem conhecimentos e experiências de saber popular, busca dentro da escola a sistematização deste conhecimento e através do educador que conforme a concepção de Vygotsky tem a função de mediar o conhecimento ao aluno, através do ponto de partida dos seus conhecimentos prévios proveniente de experiências, tem o potencial de desenvolver o conceito científico, organizando os conceitos em sistemas consistentes de interrelações. É de fundamental importância o trabalho pedagógico do educador dentro da escola neste papel de mediador para o desenvolvimento do conceito científico, pois através de sua mediação é possível avançar estes conceitos, na qual sem esta intervenção pedagógica, não ocorreria espontaneamente.

Para Paulo Freire, um dos maiores influenciadores da alfabetização para esta modalidade, destaca que a alfabetização deve acontecer de forma conscientizadora e dizia que a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Para ele, o educador precisa fazer uma investigação sobre a realidade do grupo de educandos na qual iria atuar, fazendo um levantamento do universo vocabular daquele grupo, analisando as palavras utilizadas por aquele grupo para expressar a sua realidade. A estas palavras selecionadas do universo daquele grupo de estudantes tendo uma variação em padrões silábicos da língua a qual está sendo ensinada na qual estas palavras escolhidas intencionalmente são chamadas de palavras geradoras. Esta forma de abordagem adequada de ensino, contribui para a autonomia do aluno, inclusão desta ao universo escolar, desenvolvendo neste segurança, vontade de desenvolver mais suas potencialidades, na qual estes podem trocar experiências, relacionar entre seus pares, desenvolvendo protagonismo e autonomia.



Para Vygotsky, o educador deve partir do que o aluno já consegue desenvolver sozinho, do que ele já sabe e reflete sobre esta habilidade já desenvolvida, para desenvolver habilidades que ainda não estão totalmente desenvolvidas, mas que o educando tem potencialidades para desenvolver. Para isso, o educador precisa refletir sobre qual o caminho que irá tomar para desenvolver estas potencialidades para que quando o estudante desenvolva a potencialidade proximal possa buscar por outras habilidades ainda não desenvolvidas, mas que tenha potencialidade.

Com efeito, para Vygotsky (2000), o aprendizado produz algo fundamentalmente novo no desenvolvimento. E, para elaborar as dimensões do aprendizado escolar, descreve o conceito de zona de desenvolvimento proximal (ZDP), sem o qual esse assunto sobre aprendizado e desenvolvimento não pode ser resolvido. ZDP é definido como:

A distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da resolução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VYGOTSKY, 2000, p. 112).

Conforme Vygotsky (2000), o aprendizado deve ser combinado com o nível de desenvolvimento do educando, e é preciso identificar esses níveis. O primeiro nível pode ser chamado de nível de desenvolvimento real, aquilo que o educando consegue fazer por si mesmo, e o segundo nível pode ser chamado de nível de desenvolvimento proximal, aquilo que o educando consegue fazer com a ajuda do outro.

Outros pontos que, conforme Vygotsky (2000) precisam ser destacados nessa discussão acerca do conceito de ZDP, são os seguintes:

A ZDP define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação. A ZDP é um instrumento pelo qual se pode entender o curso interno do desenvolvimento. A ZDP permite-nos delinear o desenvolvimento do educando. Aquilo que é ZDP hoje, será o nível de desenvolvimento real amanhã, ou seja, aquilo que o educando pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinho amanhã.

A ZDP é criada pelo aprendizado, ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando o educando interage e coopera com seus companheiros.

O desenvolvimento do ser humano para Vygotsky, em sua aquisição da aprendizagem, é parte de um significado próprio de aquisição para um sistema de comportamento social, na qual a pessoa desenvolve do processo individual para o processo social e do processo social

para o individual, ou seja, o desenvolvimento da aprendizagem humana é internalizado pelas funções mentais através das vivências. Para Vygotsky, as funções superiores que são processos tipicamente humanos como memória, imaginação, uso da linguagem e elaboração de conceito, pensamento abstrato e outros, se difere de funções elementares que são observadas em animais como ações reflexas e processo de associação simples (KRETZSCHMAR, 2007).

Conforme Vygotsky (2000), as interações desenvolvem a fala interior e o pensamento reflexivo, essas interações levam ao desenvolvimento, a cooperação existente nessas interações fornecem ainda a base para o desenvolvimento do julgamento moral pelo educando.

Trazendo para o contexto da educação de Jovens e Adultos, o desenvolvimento de habilidades educacionais dentro do ambiente escolar, o desenvolvimento destas funções superiores que são o uso da linguagem, seja ela formal ou não formal, imaginação, elaboração de conceitos, construção do pensamento abstrato precisa também deste meio de interação social, troca de experiências para o desenvolvimento deste. Logo, para o desenvolvimento humano, a mediação se sobrepõe as relações diretas, ou seja, através das relações sociais, seja de pai para filho, entre crianças, educador e educando, a aprendizagem e o desenvolvimento ocorre predominantemente pela mediação entre pares em uma relação social.

4.1 Contribuição da teoria sócio interacionista para a educação das relações étnico-raciais na EJA

O conceito de ZDP possibilita a compreensão de que o ser humano está em processo contínuo de aprendizagem, e, portanto, de desenvolvimento e que o aprendizado desencadeia vários processos internos de desenvolvimento, que operaram somente em processos de interação e cooperação. Essas interações e cooperações, por sua vez, desenvolvem o pensamento reflexivo e julgamento moral do educando.

Desse ponto de vista, o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que de outro modo não aconteceria. “Assim, o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas” (Vygotsky, 2000, p. 118).

Dessa forma, pode-se dizer que os educandos aprendem o que é socializado no contexto em que vivem e, especificamente em relação ao racismo e discriminação, certamente, eles aprendem as representações racistas que constituem as relações sociais brasileiras. Exposta a essa aprendizagem, o racismo é internalizado e propagado intra e intergerações.

Na escola, no caso aqui específico da EJA, a ausência do ensino da história, conhecimentos e cultura dos povos indígenas e da população negra brasileira, africana e afrodescendente, bem como de estudos voltados às relações étnico-raciais, contribui para que os educandos continuem negando a existência do racismo, e seus efeitos negativos para a sociedade.

Se, na EJA não forem aprendidos de forma mediada e em cooperação, os conteúdos relacionados às contribuições da população negra e indígena na formação da sociedade nacional nas áreas social, econômica e política, os educandos não aprenderão a agir e assumir seus lugares legítimos e éticos no interior da luta pela mudança social e por uma sociedade antirracista.

Para Silvério (2002), de acordo com a teoria sociocultural da aprendizagem, fatores sociais e culturais exercem um papel crucial no processo de aprendizagem. Vygotsky explica com sua teoria de desenvolvimento cognitivo que processos psicológicos se relacionam com o ambiente social e cultural. Nessa perspectiva ele enfatiza as conexões entre fatores sociais de natureza cultural e histórica, bem como os de natureza interpessoal. Esse autor salienta que a linguagem não é só instrumento de comunicação, mas também um instrumento que tem dado configuração à evolução cultural dos povos. Dessa forma, se aprende e internaliza o que se veicula no contexto em que vivem e, no caso específico da discriminação, obviamente elas aprendem e internalizam as representações racistas. Assim, esse fenômeno é um dos problemas centrais e perenes em sociedades multirraciais como a brasileira. Conforme a teoria de Vygotsky, esse fenômeno sociocultural vivido na sala de aula propicia a internalização de fatores de aprendizagem discriminatórios que viriam a contribuir e reforçar os esquemas culturais e cognitivos já veiculados no ambiente familiar e comunitário.

Os educandos da modalidade de educação de jovens e adultos, segundo a teoria de Vygotsky, desenvolve e traz para o ambiente escolar saberes de conceitos cotidianos ou elementares, na qual é desenvolvido através de suas vivências e relações sociais e que na escola desenvolverá pela mediação do educador, conceitos científicos. Estes conceitos científicos devem ocorrer de forma intencional e consciente, sendo que este conceito que acontece de forma estreita entre o educando e o objeto do conhecimento pela mediação.

Por mais que estes dois conceitos defendidos por Vygotsky, sejam opostos em seus caminhos, o epistemólogo em questão sugere que para que o educando desenvolva certas habilidades no conceito científico ele precisa ter desenvolvido um certo nível do conceito espontâneo, ou seja, na escola, na modalidade da educação de Jovens e Adultos, o

desenvolvimento dos conceitos científicos é desenvolvido pela mediação entre educando e educador ou educando e outro com mais experiência.

Mas esta mediação precisa ocorrer com uma intencionalidade e partir do conceito espontâneo, ou seja das vivências, das experiências sociais que também é uma forma de produção de conhecimento, mesmo que não formal, mas é a que traz significado ao educando, para a partir destas experiências sociais, possa desenvolver suas habilidades de reflexão, de criação, recriação, criticidade, autonomia, imaginação, uso de linguagem não formal e formal, para que este cidadão possa dar continuidade no seu desenvolvimento e aprendizagem, ciente que esta aprendizagem não é bancária e sim libertadora e emancipatória, que através destas aprendizagem possa viver, conviver e agir em sociedade para produzir mudanças com criticidade e consciência.

5 Considerações finais

Em nosso país, neste século, ainda existem muitos grupos de pessoas que são excluídas de benefícios da sociedade, como educação, saúde, lazer e outros quesitos básicos para a sobrevivência. Muito já se foi conquistado como o acesso de pobres, negros, indígenas em espaços escolar, mas é sabido que mesmo assim, a diferença de qualidade de ensino ofertada a filhos de ricos é superior do que a ofertada a filhos de pobres e negros dando assim continuidade a esse sistema de exclusão.

Além disso, a classe pobre e trabalhadora, ao ter que estudar em escolas com estruturas precárias, ainda precisa trabalhar para ajudar no sustento de sua casa, o que muitas vezes não lhe resta outra opção a não ser sair da escola para ajudar sua família. Nesse sentido, os espaços da educação de Jovens e adultos, tem em sua grande maioria, uma classe de pessoas pobres, negras e que lhe foi negado a educação de qualidade na idade correta.

Na escola, no caso aqui específico da EJA, a ausência do ensino da história, conhecimentos e cultura dos povos indígenas e da população negra brasileira, africana e afrodescendente, bem como de estudos voltados às relações étnico-raciais, contribui para que os educandos continuem negando a existência do racismo, e seus efeitos negativos para a sociedade.

Referências



BAQUERO, Marcelo. Democracia formal, cultura política informal e capital social no Brasil. Porto alegre. 2008.

FONSECA, Marcus Vinicius; SILVA, Carolina Mostaro Neves; FERNANDES, Alexandra Borges (Org.) Relações ético- raciais e educação no Brasil. Belo Horizonte: Massa, 2011.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

KRETZSCHMAR, Joenk, I. Uma introdução ao Pensamento de Vygotsky. Florianópolis: Revista Linhas, 2007.

LEITE, Sandra Fernandes. O direito à educação básica para jovens e adultos da modalidade EJA no Brasil: um resgate histórico e legal: Campinas, SP. 2013.

GIL. A. C. **Métodos de Pesquisa Social**: ed 6°. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. ed. 2° São Paulo: EPU, 2015.

OLIVEIRA, Marta Kohl. Estudos na perspectiva de Vygotsky: gênese e emergência das funções psicológicas. São Paulo: Scipione, 1993.

SILVA, Natalino Neves da. **Juventude Negra na EJA**: o direito à diferença. Belo Horizonte: Massa Edições, 2010.

SILVÉRIO, V. R. Ação afirmativa e o combate ao racismo institucional no Brasil. Cad. Pesquisa, n. 117, p. 219-46, nov. 2002. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/551>. Acesso em: 12 abr. 2023.

VIANA, Arthur Gabriel De Menezes et al.. **O papel da educação na desconstrução do racismo**. Anais VII CONEDU - Edição Online... Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/69085>>. Acesso em: 08/05/2023

VYGOTSKY, L.S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2000.